

Disciplina Eclesiástica: discipulado e ensino

Márcio Vergílio Mutz¹

Resumo: Apresento parte dos resultados de pesquisa realizada no Mestrado Profissional (Faculdades EST São Leopoldo-RS) que teve como objetivo analisar a Disciplina Eclesiástica na contemporaneidade. O recorte aqui selecionado diz respeito à aplicação prática da disciplina por meio do discipulado e do ensino. O referencial teórico da pesquisa esteve fundamentado em Leeman (2016), Poirier (2012), Shedd (2013), Dever (2009) e Bonhoeffer (2016). Os resultados obtidos indicam que: 1) O discipulado permite que o ensino da Disciplina Eclesiástica seja praticado com os membros da nossa comunidade cristã que estão imersos no pensamento pós-moderno. Pois é mediante o discipulado que ganhamos oportunidade para admoestar, corrigir e orientar o nosso irmão em Cristo. 2) Podemos afirmar que através do ensino da Palavra é que a verdadeira Disciplina Eclesiástica é exercida, pois esta é moralmente instrutiva, revela as razões de nossas crenças, e ensina os membros de nossa comunidade religiosa a serem sábios em todos os aspectos da vida.

Palavras-chave: Disciplina Eclesiástica. Discipulado. Ensino

INTRODUÇÃO

A Disciplina Eclesiástica pode ser aplicada no cenário contemporâneo em nossa comunidade eclesial? Essa interrogação se apresenta a nós, que pesquisamos e atuamos na área pastoral, com provocação. Especialmente porque, o período histórico que vivemos afeta nossa membresia e deixa algumas marcas como o individualismo, o pluralismo, o relativismo, entre outros. Mas sustentamos aqui que, se “o mundo se mostra incerto e inseguro e busca referenciais para se ancorar” (AMARAL FILHO, 2009, p. 205), devemos nós - líderes espirituais cristãos, que também vivemos imersos na chamada pós-modernidade, utilizarmos a prática da Disciplina Eclesiástica - que operará para prevenir e corrigir (AMARAL FILHO, 2009, p. 207) os indivíduos que compoem nossa comunidade e comungam de nossa fé.

O tema da Disciplina Eclesiástica tem sido objeto de estudo e é discutido em conferência e publicações para pastores e líderes. Um dos autores mais influentes dessa temática é Mark Dever, que apresenta a Disciplina como marca de uma igreja saudável (DEVER, 2009, p.91-96), gerando assim uma redescoberta deste ensino no ambiente religioso cristão, autor com quem nos alinhamos aqui neste estudo.

Propomos este artigo para compartilharmos os resultados parciais de uma pesquisa que teve como objetivo mapear os dilemas contemporâneos no exercício da prática pastoral. Os resultados da investigação apontaram para duas importantes ferramentas de que devemos dispor no que tange a disciplina eclesial: o discipulado e o ensino. Desejamos

1 Márcio Vergílio Mutz. Mestre e doutorando em Teologia na Escola Superior de Teologia (EST, São Leopoldo RS), membro do grupo de pesquisa Currículo, Identidade Religiosa e Práxis Educativa, (EST). Bolsista da CAPES. Email: marcio.mutz@adventistas.org

com isso, dialogarmos por meio desta publicação com pastores, líderes religiosos e cristãos em geral.

Tomamos como problema de pesquisa a seguinte questão: “Como propor a Disciplina Eclesiástica a partir de seu caráter redentivo, quando geralmente é visto no seu aspecto negativo e punitivo na contemporaneidade”? Quanto às escolhas metodológicas, esclarecemos se tratar de uma pesquisa exploratória, por meio de revisão de literatura na intenção de gerar conhecimento de aplicação prática.

Realizamos uma busca na literatura para compreendermos os elementos que caracterizam a chamada pós-modernidade através das obras do sociólogo Zygmunt Bauman e do filósofo Jean-François Lyotard e outros autores que abordam o assunto. Após, buscamos alternativas, neste cenário que estrutura o pensamento pós-moderno, para a aplicação mais eficaz da disciplina e encontramos ao menos dois focos que podem auxiliar a atingirmos o papel corretivo e redentivo dentro da comunidade de fé, bem como a evitarmos os abusos, outrora já praticados por uma administração equivocada da disciplina. Foram encontrados dois focos: 1) Discipulado e o 2) Ensino, sobre os quais desejamos discorrer aqui.

O texto que segue apresenta, assim, na seção 1, um breve esboço teórico sobre o ensino da Disciplina Eclesiástica e seu caráter redentivo nas Escrituras. Em seguida, na seção 2, são discutidos alguns elementos que marcam a pós-modernidade e a aplicação da Disciplina Eclesiástica buscando uma relação com o ensino e o discipulado, questões norteadoras desta investigação.

1 A DISCIPLINA ECLESIASTICA

A Disciplina Eclesiástica não é em si mesma a tarefa mais importante de um líder religioso. Mas a negligência dela produzirá uma comunidade de crentes indisciplinados, mergulhados em pecados, escândalos e conflitos. Isso torna mais difícil a tarefa de apresentar as boas novas do evangelho ao seu público alvo – os não convertidos. E como Disciplina Eclesiástica, adotaremos a definição de Jonathan Leeman que declara:

Disciplina eclesiástica é o processo de corrigir o pecado na vida da congregação e dos seus membros. Isso pode significar corrigir o pecado por meio de uma admoestação feita em particular. E pode significar corrigir o pecado ao remover formalmente um indivíduo da membresia. A disciplina eclesiástica pode ser feita de uma série de maneiras, mas o alvo é sempre corrigir as transgressões da lei de Deus entre o povo de Deus. (LEEMAN, 2019).

1.1 A DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA NAS ESCRITURAS

No primeiro livro da Bíblia Sagrada (RA) temos diversos episódios em que Deus orienta e repreende seus filhos e filhas. Adão e Eva são repreendidos por suas escolhas erradas e perdem o acesso ao jardim do Éden (Gn 3.24). Caim é reprovado por causa do homicídio de Abel, amaldiçoado e sinalizado diante da humanidade (Gn 4.8-16). A humanidade ante-diluviana é repreendida por causa da corrupção com o juízo do dilúvio (Gn 7.17-24). Cam é disciplinado pela atitude insana como agiu diante da embriaguez de Noé (Gn 9.20-29). A humanidade pós-diluviana é repreendida através da construção da torre de Babel com a confusão da língua (Gn 11.1-9). Deus envia o juízo para as cidades de Sodoma e Gomorra devido à impiedade destes povos (Gên 19.23-29). Além destes relatos citados, temos diversas situações em que o Senhor traz correção pelo pecado agasalhado em Israel: A derrota dos israelitas em Ai, devido ao erro de Acã (Js 7.11-26); a punição de Deus a Davi, devido ao assassinato de Urias e o adultério com Bate-Seba (2Sm 12.1-15); o exílio de Judá, quando foi entregue a Nabucodonosor (Jr 25.8,9). Cada um desses enunciados procura apresentar a reprovação do Senhor e seu desejo em restaurar seu povo.

Semelhantemente, temos narrativas no Novo Testamento que destacam a importância da Disciplina Eclesiástica, como no relato de Ananias e Safira (At 5.1-10). “Na Igreja Primitiva, havia normas congregacionais para manter a ordem e a decência entre os salvos (I Co 5.1-13)” (ANDRADE, 2000, p.124). O episódio ocorrido em Corinto de uma união sexual ilícita e litígio descreve uma congregação permissiva diante da falta pública de um membro da comunidade. As cartas às sete igrejas do Apocalipse contêm repreensões do Senhor reveladas a João. Além destas narrativas, temos muitos outros conselhos espalhados em todos os livros e cartas do Novo Testamento (Mt 18.15-20; 1Co 16.17; Gl 6.1; 1Ts 3.6; 1Tm 5.20; Tt 3.10,11; Hb 12.4-11; 2 Jo 1.9-11).

A Bíblia é, assim como demonstramos aqui, um guia seguro do que o Senhor ensinou sobre Disciplina Eclesiástica. Ela contém referências textuais importantes para conduzir o uso da Disciplina. Afinal, “a correção é a essência da disciplina; o amor, a alma da correção, pois o Senhor Deus castiga a todos quantos ama, e aqueles a quem toma por filhos” (ANDRADE, 2000, p. 123).

1.2 A DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA NA IGREJA REFORMADA

João Calvino, no século XVI, salientou a importância da Disciplina. Como afirmou Alfred Poirier: “Ele, porém, jamais se encolheu diante da necessidade de exercer disciplina na igreja” (POIRIER, 2012, p. 217). “Considerou, ao lado da proclamação da Palavra e da administração dos sacramentos, uma das marcas que distinguem a igreja verdadeira da falsa” (PORTELA NETO, 2018). Em seus ensinamentos, Calvino afirmava que na igreja falsa a pregação da Palavra de Deus está ausente e os ritos sagrados são ensinados ou administrados de maneira errada, e o cuidado com a santidade e pureza doutrinária é negligenciado. No pensamento de Calvino, a partir do momento que essas coisas são tratadas de maneira permissiva,

a Disciplina não segue os passos e objetivos ensinados pela Palavra de Deus. A membresia perde a referência como povo de Deus diante do mundo, gerando um péssimo testemunho ao Evangelho (PORTELA NETO, 2018).

A Disciplina Eclesiástica ocupava papel de destaque também dentro do movimento desencadeado por John Wesley no século XVIII (BURLANDY, 2012, p. 10). Pois quando a Disciplina foi administrada corretamente, destacando a restauração do pecador, a correção do comportamento moral pecaminoso, afim de que o transgressor fosse orientado e corrigido, alcançando assim a santidade bíblica (IGREJA METODISTA, 2018), a comunidade de fé foi fortalecida e o crescimento acabou sendo uma resposta natural da vida saudável dos seus membros.

Os reformadores deram ênfase ao assunto da Disciplina Eclesiástica. Conforme Amaral Filho, foi tópico em várias Declarações de Fé da Igreja Reformada que remetem ao período do século XVI e XVII. Sintetizo na tabela abaixo a abordagem dada em cada documento sobre o assunto da Disciplina Eclesiástica.

Tabela 1: Confissões Protestantes sobre Disciplina Eclesiástica

Declaração de Fé	Referência	Descrição
Confissão de Fé Escocesa 1560	Capítulo 18	Descreve as marcas de uma igreja verdadeira: a primeira, a pregação da Palavra de Deus, a segunda, a administração dos sacramentos como ensinado nas Escrituras, a última, a Disciplina Eclesiástica como um limitador para o vício e incentivo à qualidade moral.
Confissão Belga 1561	Artigo 28	Declara a comunidade de fé como espaço dos salvos, e que ninguém deve viver afastado deste convívio. Mas ao estarem juntos, unidos, devem ser submetidos à instrução da Disciplina, para edificação do corpo de Cristo.
Catecismo de Heidelberg 1563	Perguntas 83 e 85	A pregação e a Disciplina Cristã. Por essas duas chaves o reino dos céus se abre e se fecha pela rejeição delas. E depois de serem advertidos fraternalmente, muitas vezes, devem abandonar seus erros. Caso rejeitem as advertências, não devem participar mais dos sacramentos, são excluídos da igreja pelo próprio Deus, e do reino por Cristo, tendo oportunidade de voltar a ser membro diante de arrependimento autêntico.

Cânones de Dort 1618	Capítulo 3, 4 Artigos 4 e 17	O ser humano depois da queda ficou com pouca noção de Deus, com dificuldade para discernir entre o certo e errado, contudo ainda esboça alguma virtude e disciplina exterior, mas está longe de alcançar e compreender a salvação. Por sua vez, os membros da igreja salvos pela ação de Deus permanecem leais pela pregação do Evangelho e pela Disciplina ministrada no seio da congregação cristã.
Confissão de Fé de Westminster 1647	Capítulo XXX	Deus colocou os oficiais na Igreja para um governo separado do governo da magistratura civil, e a eles foi dada a autoridade de desligar (censuras) e ligar pela absolvição das censuras eclesiástica, tendo como objetivo resgatar para Cristo. A fim de impedir que o pecado estrague toda a comunidade de fé, o nome de Cristo deve ser exaltado e a ira de Deus deve ser evitada sobre a Igreja. Os oficiais da Igreja devem usar a repreensão, a suspensão da Ceia do Senhor por algum tempo e a exclusão da Igreja.

Fonte: AMARAL FILHO, 2009, p. 209 e 210.

Conforme a tabela acima, percebemos que, para o movimento da reforma, o assunto da Disciplina é “uma marca (Confissão Belga), uma das ‘chaves do reino’ (Catecismo de Heidelberg, Confissão de Westminster), ou um meio de graça (os escritos de Calvino e os cânones de Dort), a disciplina são os tendões do corpo de Cristo” (POIRIER, 2012, p. 218).

Com isso estamos tentando demonstrar que desde os tempos dos patriarcas, até o período de organização das principais instituições religiosas, no qual se destacam os grandes líderes reformistas, entre outros, a disciplina eclesiástica merece registro e encontra lugar na prática pastoral com vistas à redenção dos pecadores.

2 DISCIPLINA ECLESIASTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Mas o que nos desacomoda e nos motivou a pesquisar este tema, foi o cenário atual que nossa sociedade tem vivido, em especial, nos referimos ao período pós-guerra, no Ocidente capitalista. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman tratou de explicitar que “vivemos em um tempo mutante no qual as referências – institucionais ou não – que oferecem modelos de conduta estão em fluxo permanente e completamente desreguladas” (ALMEIDA; GOMES e BRACH, 2009. p. 32). Assim, não devemos nos surpreender então, que prevaleça a insegurança sobre o destino individual, uma vez que as receitas de vida parecem extinguirem-se, ou de modo ambivalente, se multiplicarem (por meio de especialistas) a tal ponto de não termos mais certeza sob qual delas devemos basear nossas decisões. Nas palavras de Bauman, nesse tempo,

os riscos envolvidos em cada escolha podem ser produzidos por forças que transcendem a compreensão e a capacidade de ação do in-

divíduo, mas é destino e dever deste pagar o seu preço, pois **não há receitas endossadas** que, caso fossem adequadamente aprendidas e diligentemente seguidas, poderiam permitir que erros fossem evitados, ou que pudessem ser, em caso de fracasso, consideradas responsáveis. **A virtude que se proclama servir melhor aos interesses do indivíduo não é a conformidade às regras (as quais, em todo caso, são poucas e contraditórias), mas a flexibilidade: a prontidão em mudar repentinamente de táticas e de estilo, abandonar compromissos e lealdades sem arrependimento** - e buscar oportunidades mais de acordo com sua disponibilidade atual do que com as próprias preferências (BAUMAN, 2007, p. 10. Grifos nossos).

Ou dito de outro modo, na ausência de referências e na multiplicação de modelos de vida na qual estamos inseridos, parece faltar espaço para “a conformidade às regras” sob a qual se assenta, por princípio, a Disciplina Eclesiástica, pois a pós-modernidade trouxe consigo a desagregação institucional e o abandono das metanarrativas e das tradições.

Na obra intitulada *Condição pós-moderna*, o filósofo francês Jean-François Lyotard esclarece que a sociedade informatizada e as transformações tecnológicas alteram o modo como a investigação e a transmissão do conhecimento se dão. Em especial, tornam possível o questionamento a dados e resultados obtidos pelas pesquisas, por exemplo. E destaca que “a natureza do saber não sai intacta nesta transformação geral” (LYOTARD, 1989, p. 17). Ora, se até mesmo a razão instrumental, que caracteriza a Ciência – marco da modernidade, passa a ser questionada, com que intensidade as verdades bíblicas, duramente atacadas pelo Iluminismo, não serão igualmente colocadas sob suspeição pela pós-modernidade?

O que importa sublinhar aqui é esse espírito da época pós-moderna, que assume a dúvida como um imperativo.

A visão relativista da realidade e a qualidade da experiência humana fazem da verdade algo que depende da pessoa ou, simplesmente, aquilo que é verdadeiro apenas para ela mesma. Ou seja, a verdade é relativa às minhas preferências individuais ou às do grupo a que pertenço. Não é mais vista como objetiva, eterna nem é reconhecida como algo que se transmite de uma geração para outra. A verdade agora é criada e recriada a partir da experiência e do diálogo com os outros, dentro da cultura de cada pessoa. Isso significa que os valores morais de hoje não são os mesmos de ontem (RASI; VYHMEISTER, 2014, p. 119).

A pós-modernidade incentiva a individualidade do ser humano. Por um lado, trata-se de um canal aberto para a recepção do evangelho, mas também é verdade que o indivíduo fica livre para acreditar no que deseja, e transforma o sagrado em objeto de seu desejo. Isso

faz com que as escolhas religiosas sejam baseadas em experiências pessoais e não mais em ensinamentos bíblicos, nomeados como “antigos”, “descontextualizados”, entre outros.

Perguntamo-nos, então: será que temos como preservar a aplicação da Disciplina Eclesiástica em uma sociedade religiosa marcada pela pós-modernidade?

Apresentamos o tópico seguinte como um ensaio de resposta para a aplicação da Disciplina Eclesiástica, propondo-a como uma prática que deve ser construída tomando como base a noção de discipulado cristão, que passamos a apresentar na seção a seguir.

2.1 A DISCIPLINA ECLESIASTICA ATRAVÉS DO DISCIPULADO

O termo Disciplina vem da palavra latim *discere*, que significa aprender, a mesma raiz da palavra discípulo (MOURA, 2008, p.8). John Driver (1994) ensina que discipular dentro de uma congregação cristã é convidar as pessoas a se submeterem ao senhorio de Cristo, num ambiente de discípulos (p.75). Não existe discipulado sem disciplina. Disciplinar não implica necessariamente em castigar, e sim orientar, capacitar, ajustar ou mesmo restaurar.

Podemos afirmar que “a igreja de Cristo é o corpo formado pelos discípulos de Cristo. Discípulos são pessoas que vivem sob disciplina” (POIRIER, 2012, p. 233). O discipulado está relacionado em primeiro lugar ao ato de seguir a Cristo (Lc 14.25-35) e em segundo lugar ao ato de ensinar pessoas a seguirem a Cristo (Mt 28.19). Nesse sentido, pode-se afirmar que discipular envolve tanto ensino quanto correção.

Esta obra de pastoreio não é exclusiva do administrador eclesial, mas de todos que fazem parte desta comunidade (Cl 3.16). Pois “devemos gravar nas mentes e corações de nosso povo que a disciplina é responsabilidade de cada membro da família de Deus” (POIRIER, 2012, p. 243).

Assim sendo, discipulado é muito mais do que ensinar outros a trazerem outros a Cristo, “é seu modo de assegurar a santificação da igreja” (COLEMAN in: CARSON 2015, p. 289), é antes de mais nada uma atitude de amor, envolvimento, ensino e correção (1 Ts 5.14). Fred Greco declara também que “cada membro da igreja tem a responsabilidade de ajudar os outros em suas lutas contra o pecado, não através de julgamento e críticas, mas, ao invés disso, com gentileza e visando à restauração, sabendo que ele mesmo está sujeito à tentação (Gl 6.1)” (GRECO, 2019). Wilson do Amaral Filho, contribui com esta visão ao declarar que:

Se porventura um discípulo sabe o que seu mestre quer e não faz, gera dúvidas sobre seu compromisso de ser discípulo e afeta seu relacionamento com Deus e com a Igreja. A disciplina consistirá, então, na aplicação dos meios bíblicos pelos quais esse discípulo volte a reafirmar seu compromisso com seu mestre (AMARAL FILHO, 2009, p. 221).

O discipulado permite que o ensino da Disciplina Eclesiástica seja praticado com os membros da nossa comunidade cristã que estão imersos no pensamento pós-moderno. Especialmente porque, sujeitos pós-modernos desejam se conectar a outros. Robertson Mcquilkín afirma que “os relacionamentos que estabelecemos com o outro é que constitui a humanidade. Quando apresento uma vida transformada de maneira vibrante, experimentada e marcada pela santificação; ofereço, ao meu discípulo uma base bíblica sólida, para viver os princípios éticos da Palavra de Deus.” (MCQUILKIN in: HADDON, 2009, p. 210,211). Como Mcquilkín ainda declara:

Realizamos um grande desserviço se não falamos ao coração desta geração e estimulamos sentimentos, sentimentos divinos. O pós-modernismo recapturou o coração e nos abriu a nossas emoções. Por isso devemos ser gratos. Pois isso conduz a uma realidade bíblica maior do que conhecíamos como modernos do iluminismo (MCQUILKIN in: HADDON, 2009, p. 211).

O relacionamento no discipulado é fundamental, como descreve o texto bíblico: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.35). O discipulado, como princípio de ação, tem o foco no coração, enseja a preocupação real com o outro, o que permite que a aplicação da Disciplina Eclesiástica encontre um caminho fraterno e pastoral.

2.2 A DISCIPLINA ECLESIASTICA ATRAVÉS DO ENSINO

O ensino é muito importante também na formação de novos discípulos. Sem o ensino sobre a pessoa de Cristo, seu senhorio e seus mandamentos, como podemos esperar obediência dos novos membros da comunidade religiosa? Como afirma o Russell P. Shedd: “naturalmente, a Palavra que não é anunciada não tem poder nenhum para sustentar e santificar os membros da igreja!” (SHEDD, 2013, p. 26).

Não temos como ministrar a Disciplina Eclesiástica em uma congregação se esta desconhece os critérios pelos quais será avaliada. O ensino deve ser essencial para que os membros possam estar informados sobre aquilo que a comunidade cristã espera deles, que estes tenham acesso ao manual de regras da igreja, para que o processo não seja desconhecido.

Além desse cuidado ao informar e orientar os novos membros sobre as doutrinas e regras de procedimentos eclesiais, devemos utilizar o espaço da pregação como um ambiente de ensino, admoestação, correção, repreensão. Bonhoeffer afirma que a “origem de qualquer prática disciplinar é a pregação da Palavra” (BONHOEFFER, 2016, p. 191). Na mesma linha de pensamento, Russell P. Shedd declara que o “ensino bíblico que encoraja o cristão a pensar e agir de forma que venha a imitar o seu Senhor tem seu cumprimento na disciplina cada vez mais positiva. O ensino visa a sanar os erros advindos da ignorância e da negligência” (SHEDD, 2013, p. 111).

A Disciplina Eclesiástica é caracterizada não somente pelo ato de repreensão, mas também de “instruir em justiça” (2Tm 3.16). O que poderíamos afirmar é que a verdadeira Disciplina é exercida pelo ensino da Palavra, pois esta é moralmente instrutiva, revela as razões de nossas crenças, e ensina os membros de nossa comunidade religiosa a serem sábios em todos os aspectos da vida. (POIRIER, 211, p. 222,223).

CONCLUSÃO

A prática da Disciplina Eclesiástica acaba sendo muito frequente na vida ministerial, pois muitas são as questões que geram conflitos dentro de uma comunidade religiosa e exigem do administrador eclesial um olhar pastoral e ético capaz de eliminar e amenizar os conflitos. A Disciplina Eclesiástica, apesar de ter ganhado contornos negativos em nossa cultura religiosa, se compreendida e aplicada à luz dos ensinamentos das Escrituras Sagradas, torna-se uma ferramenta saudável para edificação da igreja de Cristo.

No atual cenário, a aplicabilidade da Disciplina Eclesiástica exige um esforço para que o processo possa ocorrer de maneira mais pastoral e transparente. Primeiro, não podemos permitir que a Igreja reproduza uma abordagem disciplinar movida pela falta de amor com o membro errante, que pelo excesso de zelo aos princípios doutrinários o membro faltoso seja menosprezado ou ignorado, este deve se sentir amado e cuidado. A Disciplina precisa ser apresentada com a linguagem do coração, com um toque suave do amor de Cristo, que “*repreende a quem ama*” (Pv 3.12). Por isso a Disciplina foi apresentada como uma abordagem que deve acontecer através do discipulado. Partimos do pressuposto de que a Disciplina precisa assumir um tom pastoral e se afastar desse caráter mais punitivo, quase vingativo. Mediante o discipulado, a Disciplina Eclesiástica ganha a dimensão de cuidado, pastoreio, amor ao próximo e do amor à Cristo. Em segundo lugar, entendemos que essa visão da Disciplina Eclesiástica de caráter punitivo só acontece quando somos negligentes ou ausentes no ensino que traga informação bíblica de como podemos disciplinar de maneira redentiva.

Ao mesmo tempo em que precisamos demonstrar um claro amor aos membros da igreja e à ovelha errante, precisamos comunicar firmeza diante dos valores bíblicos da comunidade cristã, pois em um mundo em crise, diante de tantas vozes e caminhos, carecemos de uma voz clara que possa mostrar o rumo para onde devemos seguir.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. *Bauman & a Educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico* – Edição Revista e Ampliada - e um Suplemento Biográfico dos Grandes Teólogos e Pensadores. Ed. 9. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000. p. 124.

AMARAL FILHO, Wilson do. *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade: A disciplina eclesiástica na contemporaneidade*. v. 7, n. 1, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed.rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2016.

BURLANDY, Jorge Lucien. *Disciplina Eclesiástica e a Realidade Jurídico-Social Brasileira*: Implicações para a Prática Pastoral. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Seminário Latino-Americano Adventista de Teologia. Engenheiro Coelho: 2012. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Tese-Pr.-Jorge-Burlandy-2012.pdf>>. Acessado: 26 de dez de 2018.

CARSON, D. A. *A verdade*: Como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.

DEVER, Mark. *O que é uma Igreja saudável?* Editora Fiel, São José dos Campos: 2009.

DRIVER, John. *Contra a Corrente*: Ensaios de Eclesiologia Radical. São Paulo: Cristã Unida, 1994.

GRECO, Fred. *Disciplina na Igreja*: Castigo ou Amor? Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/658/Disciplina_na_Igreja_Castigo_ou_Amor>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HADDON, Robinson; GRAIG, B. Larson (Org). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

IGREJA METODISTA. *Manual de Disciplina*. p. 3. Disponível em: http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/documentos-oficiais/manual_disciplina.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

LEEMAN, Jonathan. *Uma Cartilha de Disciplina Eclesiástica*. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/uma-cartilha-de-disciplina-ecclesiastica>. Acesso em: 30 jun. 2019.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Editora Gradiva, 1989. p. 17.

MOURA, Ozeas. *Disciplina Eclesiástica: Evitando os Extremos*. *Revista Adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, jul. 2008.

POIRIER, Alfred. *O Pastor Pacificador*: Um guia bíblico para a solução de conflitos na Igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 216.

PORTELA NETO, F. Solano. *Disciplina na Igreja*. *Seminário JMC*. 2018. Disponível em: <<http://www.seminariojmc.br/index.php/2018/01/15/disciplina-na-igreja/>>. Acessado em: 22 de nov. de 2018.

RASI, Humberto M.; VYHMEISTER, Nancy J. *A lógica da fé: Respostas inteligentes para perguntas difíceis sobre nossas crenças*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

SHEDD, Russell. *Disciplina na Igreja*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2013.